

Disrupção e democratização do desenvolvimento: a filantropia comunitária como teoria e prática

Jenny Hodgson, Global Fund for Community Foundations

Sistemas de doação e autoajuda comunitária são fenômenos presentes desde sempre em todo o mundo, em diferentes culturas e tradições. No entanto, apenas recentemente a filantropia comunitária começou a ganhar visibilidade como uma prática específica relevante para o campo mais amplo do desenvolvimento internacional. O presente artigo foca em como a filantropia comunitária é percebida na condição de prática de desenvolvimento, baseado em exemplos de 16 organizações, em diferentes países, que se identificam com esse conceito de filantropia. A filantropia comunitária é entendida aqui como uma prática de desenvolvimento baseada em valores que geram ativos (talentos e recursos), capacidades e confiança. É uma prática particularmente focada no papel que os recursos e talentos locais podem desempenhar no desenvolvimento comunitário e em como a existência desses ativos pode contribuir para influenciar a dinâmica de poder associada ao desenvolvimento internacional. Por fim, demonstra-se aqui que a filantropia comunitária não surge simplesmente como uma estrutura de suporte a ser utilizada para impulsionar as tradicionais formas de desenvolvimento ou cooperação internacional. Trata-se de uma prática muito mais radical. A filantropia comunitária das organizações com raízes nos movimentos da sociedade civil e da justiça social pode atuar na disrupção e democratização dos sistemas e criar uma alternativa ao que atualmente chamamos de “desenvolvimento”.

Introdução

Outro mundo não é apenas possível, ele está muito próximo. Em um dia mais tranquilo chego até a escutar sua respiração (Arundhati Roy, 2003).

Nunca se muda algo lutando com a realidade existente. Para fazer uma mudança, crie um novo modelo que torne obsoleto o atual (Buckminster Fuller, em Quinn 1999, 137)

Em 2016, o primeiro *Global Summit on Community Philanthropy* (Cúpula Global sobre Filantropia Comunitária) marcou um momento importante no surgimento do que já pode ser considerado um campo. Na ocasião surgiu uma campanha com a *hashtag #ShiftThePower* (em português, “transferir o poder”).¹ Realizado em Joanesburgo, na África do Sul, o *Global Summit* reuniu cerca de 350 pessoas de mais de 60 países diferentes.² Seu objetivo foi não apenas reconhecer e celebrar o crescimento do movimento global de filantropia comunitária, mas também convidar uma gama mais ampla de pessoas e organizações que atuam em diferentes setores do sistema de desenvolvimento e cooperação, para unir forças e trabalhar juntas em direção a um novo paradigma de desenvolvimento, liderado e orientado pelas pessoas. A década passada testemunhou um ganho de visibilidade, voz e organização desse movimento global (Gilbert 2018; Hodgson e Knight 2016; Hodgson e Pond 2018). O movimento de filantropia comunitária ganhou novos tipos de organizações e redes que surgiram a partir da base. Elas enfatizam o papel dos recursos da comunidade local em desafiar a dinâmica de poder tradicional e em produzir resultados qualitativamente diferenciados. Embora o dinheiro seja importante na filantropia comunitária, ele não é central: em vez disso, valoriza-se a generosidade, confiança e solidariedade, bem como a quantidade e a qualidade das relações entre pessoas, comunidades e instituições.

Este artigo explora o crescente papel e poder da filantropia comunitária como fonte de práticas alternativas que buscam ativar e liberar as forças, recursos e talentos das comunidades. Também investiga a abordagem como uma reação às práticas *top-down* (de cima para baixo) adotadas pelo campo do desenvolvimento tradicional. O estudo avalia o potencial da filantropia comunitária para ajudar a moldar esforços mais amplos para avançar em direção a um sistema mais equitativo de desenvolvimento, com raízes locais e liderado pelas próprias pessoas. A definição usada aqui entende a filantropia comunitária como:

uma forma e uma força para o desenvolvimento orientado localmente que fortalece a capacidade e a voz da comunidade, gera confiança e, mais importante, aproveita e aproveita os recursos locais, que são reunidos para construir e sustentar uma comunidade forte (Doan 2019, 9).

¹ A campanha *#ShiftThePower* procura alterar a distribuição de poder nos programas de desenvolvimento, transferindo o domínio das mãos de agências externas para as mãos da população local. Para mais informações, consulte <https://globalfundcommunityfoundations.org/what-we-stand-for/shiftthepower/>.

² Para mais informações sobre a *Global Summit* de 2016, consulte <https://globalfundcommunityfoundations.org/news/global-summit-on-community-philanthropy-inspires-movement-to/> e <https://www.youtube.com/watch?v=cRBpk6tnkoM>

Embora a filantropia comunitária tenha começado a atrair o interesse de alguns doadores institucionais interessados em explorar de que maneira intervenções *top-down*, com a liderança dos doadores, podem servir para promover um desenvolvimento *bottom-up* (de baixo para cima) (Serafin e Tennyson, 2019),³ essa abordagem ainda não aparece no ‘radar do desenvolvimento tradicional’ de forma mais ampla, apesar da preocupação atual dos setores humanitário e de desenvolvimento com a agenda da ‘localização’ (cujo objetivo também é colocar o ‘local’ no centro das práticas de desenvolvimento).⁴

A filantropia comunitária também vem ganhando notoriedade no momento em que organizações humanitárias e de desenvolvimento, desde as Nações Unidas até organizações internacionais não-governamentais (OINGs), estão sendo cobradas para transferir seu considerável poder – ainda em grande parte concentrado nos escritórios centrais – para a sociedade civil no Sul global (Doane 2019). Escândalos recentes envolvendo OINGs, relacionados aos cuidados com a saúde e segurança de seu público alvo e profissionais – e acelerados por movimentos como o *#AidToo* e *#MeToo* –, prejudicaram a confiança do público e levantaram questões sobre responsabilização, prestação de contas, e culturas institucionais nessas organizações. Da mesma forma, pode-se argumentar que a competição entre OINGs por financiamento e a burocratização geral no campo da cooperação, também contribuíram para desviar muitos de seus valores e propósitos originais (Glennie 2018; Steets e Derzi-Horvath 2016). Como apontado metaforicamente por Michael Edwards, muitas OINGs ‘se tornaram como uma confortável poltrona em meio aos móveis da cooperação internacional, desenhada pela primeira vez nos anos 1950’, se acomodando apesar das dramáticas mudanças ocorridas no contexto desde então (Edwards, 2016).

Ao mesmo tempo, embora as OINGs mais progressistas possam entender a pobreza como o resultado da marginalização e da desigualdade, essa noção nem sempre se traduz em sua prática cotidiana. Às vezes, as instituições do Norte global são acusadas de minar seus pares da sociedade civil do Sul, cooptando sua retórica da igualdade de gênero e dos direitos das mulheres, por exemplo, a fim de acessar o financiamento de doadores no Norte global para financiar programas desenhados com base a princípios próprios do mundo dos negócios e embasados puramente em cálculos financeiros (Al-Karib 2018). Da mesma forma, o espaço de fechamento para o ativismo da sociedade civil em muitos países está fazendo com que as OINGs se afastem do trabalho abertamente político em parceria com ativistas locais em torno de questões de direitos, especialmente se isso puder comprometer sua capacidade de implementar programas de prestação de serviços mais neutros no país. Por fim, como as OINGs ‘localizam’ suas estruturas e acabam se registrando

³ A *Global Alliance for Community Philanthropy* (Aliança Global para Filantropia Comunitária) foi uma iniciativa de 5 anos reunindo 6 financiadores (organizações públicas e privadas), com o objetivo de fortalecer e promover a filantropia comunitária como um movimento global. Para saber mais sobre os resultados da aliança acesse <https://www.issueab.org/resource/donors-working-together-the-story-of-the-global-alliance-for-community-philanthropy.html>

⁴ Para mais informações sobre a agenda da ‘localização’, consulte <https://charter4change.org>.

como organizações locais, muitas também participam ativamente da captação de recursos nos países em que implementam seus programas, contando, para essa tarefa, com todas as vantagens de uma estrutura global para apoio de comunicação. Isso pode ter o efeito de minar e até saturar os esforços das organizações da sociedade civil locais que também buscam doações e apoio para seu trabalho, muitas vezes em face do acesso limitado a outras fontes de financiamento. Cada vez mais, pede-se às OINGs que reflitam sobre seu papel futuro no ecossistema da sociedade civil global, como fontes de solidariedade e não como concorrentes, extratores ou detentores de recursos. No Simpósio *Pathways to Power* (Caminhos para o Poder) em Londres, em novembro de 2019, um participante sugeriu que, em sua forma atual, as OINGs não são necessárias, a menos que estejam preparadas para perguntar “como essas organizações civis internacionais capacitam e apoiam o desenvolvimento local”?

Acreditamos firmemente que a filantropia comunitária tem muito a oferecer nos debates sobre participação e apropriação no ‘desenvolvimento’, sobre legitimidade da sociedade civil e sobre poder. Ela pode contribuir para informar o processo de correto dimensionamento das OINGs na reconfiguração do espaço da sociedade civil global. Embora o campo organizado da filantropia comunitária ainda seja relativamente jovem, ele constitui um espaço de prática cada vez mais bem documentado e teorizado, que pode oferecer insights e exemplos para os atores do desenvolvimento (OINGs e financiadores) que procuram repensar seus papéis dentro de um esforço mais amplo para alcançar justiça econômica e social para as pessoas no Sul global. Até o momento, no entanto, a filantropia comunitária não faz parte do ‘manual’ das OINGs sobre estratégias alternativas a serem exploradas.

Este artigo tem por objetivo ajudar a fechar a lacuna em relação ao conhecimento da filantropia comunitária no setor formal do desenvolvimento, além de advogar por sua relevância nas conversas atuais sobre recursos e poder da sociedade civil. Vamos nos concentrar brevemente nas origens da filantropia comunitária como um discurso específico do desenvolvimento (ao invés de observá-la como um fenômeno histórico cultural), que tem raízes tanto na demanda quanto na oferta do desenvolvimento comunitário, antes de considerar o potencial que oferece às comunidades, acima e além das relações de financiamento *top-down*, tradicionais no Norte global. Em seguida, compartilhamos ideias de um projeto conjunto de pesquisa-ação focado nas questões de mensuração e poder. É uma iniciativa liderada pelo *Global Fund for Community Foundations* (GFCF) (Fundo Global para Fundações Comunitárias),⁵ com a participação de 16 outras organizações envolvidas em filantropia comunitária, que apresentam práticas e estruturas enfatizando pessoas e seus recursos e talentos como fonte de poder da comunidade.⁶

⁵ O projeto foi apoiado com uma doação do *National Lottery Community Fund in the UK* (Fundo Comunitário da Loteria Nacional do Reino Unido), e baseou-se em um conjunto mais amplo de ações (doações, apoio técnico e coleta de dados) realizadas pelo GFCF nos 12 anos anteriores a iniciativa, visando aprofundar a compreensão da prática da filantropia comunitária e construir uma base de evidências.

⁶ Para mais informações sobre o GFCF, acesse www.globalfundcf.org. Em seu programa de doação, o GFCF observa as seguintes características organizacionais das instituições parceiras (devem apresentar, se não

Filantropia comunitária: duas histórias sobre sua origem

Autoajuda e estruturas comunitárias tradicionais: uma proposta a partir da demanda

Sistemas de doação e autoajuda comunitária são fenômenos presentes desde sempre em diferentes culturas e tradições em todo o mundo. Ao longo da história, as pessoas encontraram maneiras de organizar seus recursos coletivamente para atender a necessidades específicas. Exemplos incluem o minga, ou 'dia de trabalho comunitário', na América Latina; *harambee* no Quênia; *bayanihan* nas Filipinas; *qogolela* no Zimbábue; *stokvels* na África do Sul; e *hometown associations* no México, bem como outros tipos de sociedades funerárias, círculos de ajuda mútua e cooperativas. Tudo isso tem como premissa a prática de coletar contribuições para criar um fundo compartilhado disponível para os membros da comunidade. Em contextos em que a prestação governamental de serviços básicos continua inadequada, essas práticas permanecem presentes, servindo como uma importante rede de segurança social baseada na comunidade que ajuda a responder às necessidades diárias e de emergência das famílias, como custos médicos, despesas escolares, custo relacionado a funerais e assim por diante.

Essas associações também desempenham um papel social importante no fortalecimento dos laços de parentesco e sociais e, em alguns casos (como os *stokvels* na África do Sul), oferecem oportunidades para o gerenciamento e crescimento de recursos coletivos (Mutuku e Kaseke 2014). No geral, eles funcionam de maneira eficaz porque são baseados em relacionamentos de confiança entre os membros. Os livros de registro que listam contribuições e pagamentos formam a base dessa confiança, assim como as reuniões regulares dos associados. Embora os principais beneficiários desses grupos sejam geralmente os próprios membros, não é incomum um grupo olhar além e decidir ajudar não-membros, incluindo pessoas da comunidade em situação de vulnerabilidade.

Embora haja variação em regras e arranjos específicos, esses sistemas estão, em essência, organizados em torno de pessoas e relacionamentos, e limitados por regras claras. Esse tipo de ação coletiva socialmente incorporada, que depende de um forte tecido conectivo entre os membros da comunidade, tem sido entendido como uma fonte de organização, o que pode funcionar para a promoção de direitos e interesses dos mais marginalizados (Batliwala, 2012). Entretanto, essa ação coletiva também pode atuar para reforçar o status quo presente na comunidade

todas, ao menos algumas delas): (1) atender a uma comunidade específica, reconhecida em base a localização geográfica, ou a um tema, ou a uma identidade, sendo que sua estrutura de governança deve refletir amplamente tal comunidade; (2) usar a prática de fazer doações como uma estratégia deliberada de desenvolvimento, que devolve poder e recursos a grupos e organizações da comunidade a que serve; (3) trabalhar para construir uma cultura local de doação (filantropia) dentro da comunidade e construir conjunto de apoiadores de seu trabalho – os potenciais parceiros já adotam essas medidas ou estão claramente começando a adotá-las; (4) comprometem-se com mudanças sociais progressistas, que incluem o apoio à populações em marginalizadas no contexto da comunidade – os potenciais parceiros já adotam essas medidas ou estão claramente começando a adotá-las.

como, por exemplo, mantendo o status quo dos papéis de gênero na sociedade (ver Baron et al. 2000).

O conceito de capital social – e suas subcategorias capital social de *bonding* (união), *bridging* (ponte) e *linking* (ligação) – é relevante aqui, chamando a atenção para a importância fundamental da confiança e da reciprocidade, e a relação entre a qualidade e extensão dos relacionamentos de um indivíduo e seu status social e econômico. O capital social de união refere-se a conexões entre membros de uma rede que se reconhecem semelhantes; o capital social de ponte refere-se a mutualidade e ao respeito entre pessoas que não se reconhecem necessariamente iguais em termos sociodemográficos; e o capital social de ligação refere-se a relações de confiança entre pessoas que interagem em meio a diferentes poderes, o que inclui a capacidade de reivindicar o poder formal ou institucional (Gittel e Vidal 1998; Putnam 1995; Szreter e Woolcock 2004).

Partindo da perspectiva do campo formal do desenvolvimento, é difícil ver ou interagir com os sistemas e estruturas comunitárias. Mais importante ainda é perceber que os trabalhos de Freire (1972) e Chambers (1983) sobre abordagens *bottom-up* ou participativas chegaram a impactar o entendimento sobre desenvolvimento, mas grande parte dessas ideias nunca foram implementadas de fato. De fato, os atuais atores no campo do desenvolvimento parecem cada vez mais levados a reestruturar o mundo em uma imagem ocidental, onde um dos focos principais é o fluxo de recursos do Norte para o Sul global e onde ‘administradores nas cidades, que se destacam por sua formação e conhecimento técnico, se juntam ao aparato relacionado ao desenvolvimento transnacional para ditar como seus habitantes, unidos pelas tradições e em condições precárias, deveriam viver’ (Li citado em Gilbert 2018, p.10).

A apresentação de um novo foco, enfatizando as ações de documentar, compreender e reestruturar certos comportamentos e complexos fluxos de dinheiro, bem como usando reconhecendo ações individuais e coletivas na comunidade, foram importantes impulsionadores do discurso emergente da filantropia comunitária. Os projetos de pesquisa que levaram à publicação de *The Poor Philanthropist: How and Why the Poor Help Each Other* (Wilkinson-Maposa e Alan Fowler 2005) (O pobre filantropo: como e por que os pobres ajudam uns aos outros) ajudaram a moldar essa nova narrativa, na qual os sistemas de doação são compreendidos para além de cada ação individual, ou seja, são encarados como potencial fonte de organização mais estratégica e intencional de recursos e vozes que traduzem as expressões do poder da comunidade. Esse foi o pensamento por trás da criação de instituições pioneiras, como o *Tewa – the Nepal Women’s Fund* (Fundo das Mulheres do Nepal), uma organização sem fins lucrativos que busca arrecadar metade de seus fundos de fontes nacionais e a *Kenya Community Development Foundation* (KCDF) (Fundação de Desenvolvimento Comunitário do Quênia), que ajuda as comunidades a mobilizar e juntar seus recursos. Esse tipo de abordagem usando sistemas e estruturas locais inspirou outras iniciativas mais recentes, como a *Dalit Community Foundation* (Fundação Comunitária Dalit) na Índia

e a *Zambian Governance Foundation for Civil Society*⁷ (Fundação de Governança da Sociedade Civil da Zâmbia) (Zambian Governance Foundation for Civil Society, 2018).

Filantropia e a experiência das fundações comunitárias nos EUA: a solução para um problema relacionado a oferta

Uma segunda fonte de inspiração contrastante para o crescente movimento da filantropia comunitária é a história da criação, nos EUA, de um formato institucional específico – a fundação comunitária. A Cleveland Foundation (fundada em 1914) foi uma inovação criada por Frederick Goff, um reconhecido advogado, banqueiro e cidadão local. Ele estava preocupado com as ineficiências dos recursos que membros ricos da comunidade haviam destinado a causas filantrópicas em perpetuidade, recursos esses que foram destinados no passado a questões sociais que já na época de Goff não eram mais relevantes ou já haviam sido resolvidos. “Os homens morrem”, observou ele, “e as coisas mudam depois que eles se vão” (citado em Kroll 2017).

A Cleveland Foundation foi o primeiro fundo comum bem documentado de seu tipo: uma instituição filantrópica de caráter público que gerenciava, em nome de uma comunidade específica, os fundos que seus membros deixavam a ela em perpetuidade. A fundação representava uma espécie de conta poupança flexível, cuja receita financeira poderia ser usada para financiar respostas a mudanças e necessidades repentinas. Esse tipo de ativo comunitário de longo prazo permitiria, em teoria, que uma liderança comunitária não apenas respondesse a circunstâncias imediatas, mas também planejasse o futuro.⁸

O termo “fundação comunitária” e a implicação da existência de recursos financeiros mantidos e incrementados no longo prazo para e por uma comunidade podem ser considerados elementos poderosos, particularmente no contexto do Sul global. Nessas regiões, o capital financeiro tende a estar em grande parte nas mãos de um pequeno número de elites, e a maioria das pessoas não tem condições de fazer poupanças individuais, e muito menos realizar investimentos. A ideia de uma “fundação” carrega consigo uma noção poderosa de construção a longo prazo, mas ajudar as comunidades a crescer esse “bolo” de recursos locais com o passar do tempo não faz parte da maioria das práticas de desenvolvimento convencionais. No contexto do Sul global, um projeto é comumente considerado bem-sucedido quando envolve uso efetivo de recursos para cobrir gastos em prazos fixos e geralmente curtos (operando ainda o milagre de gastar exatamente de acordo com itens orçamentários elaborados em uma proposta escrita há vários anos). Como proposição, a ideia de “fundação comunitária” é simples, mas radical,

⁷ Para saber mais sobre as origens e propósitos das organizações Tewa e da KCDF, acesse www.forbes.com/sites/marlenahartz/2017/09/25/how-one-woman-is-challenging-the-status-quo-in-international-aid e www.africanindy.com/opinion/durable-development-time-to-do-things-differently-10110842. Mais informações sobre a *Dalit Community Foundation* em <http://dcf.org.in>.

⁸ Para mais informações sobre a história de Frederick Goff e a criação da *Cleveland Foundation*, consulte www.clevelandfoundation100.org/foundation-of-change/invention/introduction/

particularmente no contexto de evitar amplos esforços para mudar a forma como se faz doação: ao invés de focar na entrega de projetos, a ênfase passa a ser apoiar a criação de sistemas e estruturas de longo prazo e de credibilidade, que permitem às comunidades gerenciar seu próprio desenvolvimento e reduzir a dependência de dinheiro e agendas externas.

Em suma, como uma prática de desenvolvimento, a filantropia comunitária foi moldada por duas forças convergentes – uma *bottom-up* e outra *top-down*. Ela enfatiza a centralidade de sistemas horizontais ‘caseiros’, através dos quais as comunidades podem se organizar e administrar seus recursos. Além disso, também se preocupa em reinventar projetos institucionais de forma a agregar e direcionar diferentes tipos de recurso que normalmente não estão lado a lado (externos e locais, grandes e pequenos) e, ao fazê-lo, não apenas atua para reduzir ineficiências, mas também para construir a propriedade e o controle da comunidade no longo prazo em suas estruturas de governança e maneiras de trabalhar.

Co-investimento comunitário: não é só diferente. É melhor.

A expressão ‘desenvolvimento liderado pela comunidade’ tem sido um dos pilares do léxico do desenvolvimento internacional e é frequentemente usado de forma intercambiável com termos que incluem ‘direcionado localmente’, ‘*bottom-up*’ e ‘desenvolvimento com um rosto humano’. A noção de desenvolvimento liderado pela comunidade remonta à década de 1960 e está associada a uma forte ênfase na participação, bem como a uma abordagem baseada em direitos ou em benefício a populações empobrecidas, na qual as principais variáveis são a capacidade do Estado e dos cidadãos de reivindicar seus direitos. Pode ser relevante mencionar que, no contexto dessa discussão sobre filantropia comunitária, as primeiras estruturas do ‘desenvolvimento liderado pela comunidade’ viam o financiamento oriundo das iniciativas de desenvolvimento e da cooperação como um instrumento essencial para a mudança, mas há pouco registro de outros tipos de recursos não estatais locais.

Nos últimos anos, houve uma crítica crescente à capacidade do lado formal do sistema de desenvolvimento (financiadores e, parcialmente como consequência, ONGs) de oferecer um desenvolvimento que é realmente “liderado localmente” (Anderson et al. 2012). A burocratização do processo de ajuda, as pressões para prestação de contas aos financiadores e as demais partes interessadas (*downward accountability*) e a ênfase em soluções técnicas também serviram para despolitizar a doação (Gilbert 2018). Alguns chamaram essa mudança de uma guinada para a profissionalização do setor sem fins lucrativos, em que ‘capacidade’ é definida pela capacidade de um coletivo, de se relacionar burocraticamente com o setor formal do desenvolvimento, ou seja, a “ONG-zação dos movimentos de resistência” (Roy 2004) que, por sua vez, corroeu a solidariedade e a busca por direitos e justiça no nível da comunidade.

De fato, a preocupação com o crescimento financeiro e organizacional, bem como a atenção excessiva às necessidades dos financiadores, acabou dando vazão a críticas às fundações comunitárias estabelecidas, por exemplo, nos Estados Unidos.

Naquele contexto, essas organizações acabaram, da mesma forma que as OINGs, se tornando parte do establishment. Com algumas exceções notáveis, o foco excessivo no crescimento financeiro e nas prioridades dos doadores levou alguns críticos a associar as fundações comunitárias do Norte global ao status quo, ou seja, começaram a ser posicionadas na extremidade mais ‘conformada’ e caridosa do espectro filantrópico, ao invés de na parte mais ‘inconformada’, nos espaços de mudança transformadora e de busca por justiça social.⁹

Enquanto isso, no emergente campo da filantropia comunitária global, o gerenciamento, o compartilhamento e a devolução de poder às pessoas é uma preocupação essencial de muitas organizações, e os recursos locais têm um papel importante nesse sentido. Ao incluir o dinheiro local na equação e combiná-lo com recursos externos, a filantropia comunitária pode introduzir uma dimensão estrutural (e não apenas programática) da prestação de contas à todas as partes interessadas (*downward accountability*), o que significa que as pessoas comuns são efetivamente coproprietárias e partes interessadas em seus próprios processos de desenvolvimento. Esse movimento pode transformar o “DNA” de uma organização, movendo seu centro de gravidade para longe dos distantes doadores externos – e geralmente controladores – e em direção aos principais interessados, as pessoas da comunidade. Na filantropia comunitária, os recursos da comunidade local são importantes não apenas como uma nova fonte de renda, mas como uma forma de trazer resultados qualitativamente diferentes. Caesar Ngule, um experiente profissional do campo da filantropia comunitária no Quênia, observa:

Quando se tem a capacidade de mobilizar recursos financeiros, e de elaborar e implementar projetos, você começa a criar capital social e redes. Quando uma organização mobiliza recursos de pessoas que entendem o contexto ou conhecem a comunidade, ela fortalece a credibilidade e sua capacidade de prestar contas. Isso geralmente falta para muitas ONGs [locais] que mobilizam recursos de outras partes do mundo (Apresentação do GFCF e da Fundação Wilde Ganzen no International Fundraising Congress, ocorrido nos Países Baixos em outubro de 2018).

O dinheiro local também vem associado a um valor não financeiro significativo. É um recurso que evidencia a existência de grupos de apoio, confiança, uma mentalidade de mudança, etc. Esses elementos são como resultados sutis dificilmente captados ou medidos a partir do exterior da comunidade. Nesse sentido, a filantropia comunitária entende o dinheiro local tanto a partir de seu valor relacional (o que simboliza) quanto de seu valor financeiro. Isso a coloca em nítido contraste com as convenções do setor formal de desenvolvimento, onde as relações ainda são amplamente definidas pelos fluxos de dinheiro. O setor formal representa um sistema que continua valorizando a quantidade de recursos (ou seja, dinheiro é dinheiro, não importa quem seja o doador) e quão tangíveis e objetivos são os resultados, ao invés de apreciar o tipo de dinheiro e os resultados intangíveis,

⁹ De fato, os eventos recentes envolvendo uma fundação comunitária de referência nos EUA revelaram uma cultura institucional tóxica, muito semelhantes às revelações feitas sobre as grandes OINGs na ocasião do #AidToo. Mais informações em www.philanthropy.com/article/Opinion-Growth-or-Mission-/243383.

relacionados ao processo vivido (resultados que podem ser mais difíceis de serem observados) (Glennie 2018, p.11).

Embora a filantropia comunitária ainda esteja a caminho de ser parte substantiva dos esforços para transferir o poder no setor do desenvolvimento, pode-se observar alguns avanços positivos nesse aspecto. Um deles é o exemplo de dinheiro filantrópico e de desenvolvimento canalizado diretamente para parceiros independentes do Sul global, de maneira a contornar a intermediação de instituições do Norte.¹⁰ Mesmo que se observe somente um pequeníssimo percentual de doações direcionadas diretamente às organizações do Sul (apesar dos compromissos assumidos no âmbito da Grand Bargain¹¹), essas iniciativas são importantes pois provam a capacidade dessas instituições de gerenciar quantidades significativas de financiamento externo (Sriskandarajah 2015).

No entanto, redirecionar fluxos de dinheiro do Norte global é importante, mas é apenas parte da história. Uma colaboração direta de um doador com um ator do Sul pode não necessariamente causar disrupção na dinâmica do poder se, por qualquer motivo (aversão ao risco, exigências do doador, cultura institucional), essa colaboração apenas replicar comportamentos *top-down* tradicionais das organizações do Norte. Isso quer dizer que transferir o poder é mais que simplesmente mudar a localização geográfica e, nesse sentido, a filantropia comunitária tem um papel relevante. Ela representa a combinação de financiamento direto às organizações do Sul, com o apoio aos esforços dessas mesmas organizações na construção de ativos (recursos e talentos) locais que ajudarão a reforçar ainda mais uma abordagem de co-investimento mais equitativa, ajudar a desafiar a dinâmica de poder que sustenta muitas relações doador-receptor, e criar novos espaços para a participação da comunidade com base no controle dos recursos.

Experiências diversas em filantropia comunitária: um olhar mais atento a exemplos de todo o mundo

Em 2018–2019, 16 organizações de diversas partes do globo participaram de uma iniciativa de “*action-learning*” (aprendizagem pela ação). A experiência durou um ano, e foi coordenada pelo GFCF com o objetivo de explorar a prática de filantropia comunitária em contextos muito diferentes e, em particular, para se concentrar em

¹⁰ O *Leading from the South* (Liderando a partir do Sul) é um fundo filantrópico feminista, administrado por quatro proeminentes fundos femininos do Sul global: *African Women’s Development Fund* (AWDF) (Fundo de Desenvolvimento da Mulher Africana), *Fondo de Mujeres del Sur* (FMS) (Fundo Mulheres do Sul), *International Indigenous Women’s Forum* (FIMI)/*AYNI Fund*, (Forum Internacional de Mulheres Indígenas) e o *Women’s Fund Asia* (WFA) (Fundo da Mulher da Ásia). É financiado por meio de uma doação de US\$ 46 milhões do Ministério de Relações Exteriores dos Países Baixos. Mais informações em www.leadingfromthesouth.org/about-us.

¹¹ O *Grand Bargain* refere-se a um acordo lançado durante o *World Humanitarian Summit*, em maio de 2016, entre alguns dos maiores doadores e financiadores de projetos de cooperação, com objetivo de colocar mais recursos nas mãos das pessoas que mais precisam. Para mais informações, consulte <https://interagencystandingcommittee.org/about-the-grand-bargain>.

questões de mensuração, evidência, e poder.¹² As fontes dos dados usados para subsidiar a seção a seguir incluem informações coletadas a partir dos formulários que as organizações precisam preencher quando solicitam doações do GFCF, de entrevistas individuais com representantes das instituições, e das informações e dados levantados em duas reuniões presenciais. As citações apresentadas a seguir têm origem nessas fontes.

O grupo foi formado com quatro organizações do sul da Ásia, quatro da África Subsaariana, três da Europa Oriental e da América Latina e um do Oriente Médio. Embora todas as 16 instituições identifiquem a filantropia comunitária como um conceito e estratégia definidores de seu trabalho, o grupo é altamente diversificado.

Para começar, ao serem perguntadas qual o tipo principal de organização com o qual se identificam, três se descrevem fundações comunitárias, duas como fundações de desenvolvimento comunitário, uma como fundo comunitário, duas como fundos para mulheres, duas como fundos socioambientais, uma como centro de apoio a organizações da sociedade civil, uma como fundação pública nacional, uma como uma organização de base, uma como fundação LGBTQIA, uma como instituição filantrópica indígena, e uma como fundação apoiando comunidades indígenas dentro de uma reserva da biosfera. Em resumo, a forma como as organizações se denominam é menos importante do que a maneira como realizam seu trabalho. O mesmo se aplica ao modo como definem a comunidade: para alguns, a comunidade é geográfica (uma cidade, uma sub-região, uma reserva da biosfera, um país), enquanto para outros é definida pela identidade (mulheres, LGBTQIA) e ou questão (movimentos ambientais, etc.).

Todas elas são relativamente jovens: a mais antiga foi criada em 1993 e a mais jovem em 2017, e oito foram fundadas na década de 2000. O número de funcionários em cada organização varia de três a 56, com a mediana em nove. Todas têm fortes raízes na sociedade civil e nos movimentos sociais. Embora nenhuma delas tenha sido criada pelas elites locais como um instrumento para gerenciar recursos filantrópicos, uma das instituições foi originalmente criada como um mecanismo para implementar programas de doadores (isto é, como um canal

¹² As 16 organizações são: *Arkhangelsk Centre for Social Technologies - Garant* (centro de tecnologias sociais), Rússia (www.ngogarant.ru), *Community Development Foundation for Western Cape* (Fundação de desenvolvimento comunitário da Oeste da Cidade do Cabo), África do Sul (www.cdfwesterncape.org.za), *Community Foundation for the Western Region of Zimbabwe* (Fundação comunitária da Região Oeste do Zimbábue) (www.comfoundzim.org), *Dalia Association*, Palestina (www.dalia.ps), *Fasol – Fondo Acción Solidaria A.C.*, México (www.fasol-ac.org), *FemFund*, Polônia (<https://femfund.pl>), *Forum for Civic Initiatives* (Fórum para iniciativas cívicas) (FIQ), Kosovo (<https://www.fiq-fci.org>), *Foundation for Social Transformation* (Fundação para transformação social), Índia (www.fstindia.org), Instituto Comunitário Grande Florianópolis – ICOM, Brasil (www.icomfloripa.org.br), *Kenya Community Development Foundation* (Fundação para o Desenvolvimento Comunitário do Quênia) (www.kcdf.or.ke), *Keystone Foundation* (Fundação Pedra Angular), Índia (<https://keystone-foundation.org>), *Monteverde Community Fund* (Fundo Comunitário Monteverde), Costa Rica (www.monteverdefund.org), *Gyökerek és Szárnyak Alapítvány/Roots and Wings Foundation* (Fundação Raízes e Asas), Hungria (<http://gy-sz.hu>), *Solidarity Foundation* (Fundação Solidariedade), Índia (www.solidarityfoundation.in), *Tewa – Nepal Women’s Fund* (Fundo de Mulheres do Nepal) (www.tewa.org.np), and *Zambian Governance Foundation for Civil Society* (Fundação de governança da sociedade civil da Zâmbia) (www.zgf.org.zm). A fundação Tewa não participou do grupo de aprendizado, mas explorou a mesma agenda através de uma parceria com o GFCF.

pelo qual doadores faziam seus aportes). Com o tempo, a organização estrategicamente decidiu se reinventar como uma fundação verdadeiramente local.

Fazer doações a parceiros de sua comunidade é uma ferramenta importante para esse grupo. O tamanho das doações realizadas – para organizações registradas, grupos informais e indivíduos – varia, dependendo de uma série de fatores (incluindo as fontes e o tamanho de seu próprio financiamento, bem como a demanda e as capacidades dos parceiros locais para absorver os recursos oferecidos). Enquanto o tamanho das doações varia de US\$ 100 a US\$ 37.000, os valores mais frequentes ficam na faixa de US\$ 3.000 a 5.000. É importante notar a existência dessas instituições como mecanismos nacionais ou locais capazes de desembolsar doações desse tamanho, uma vez que esse tipo de ente preenche uma lacuna importante no sistema do desenvolvimento formal e da cooperação: em muitos países, pequenos e médios grupos buscam acessar recursos menos volumosos, uma demanda que pode ser percebida pelos principais atores do desenvolvimento como onerosa demais ou administrativamente complexa. Em termos financeiros, todas as organizações do grupo pesquisado são muito pequenas. Seus orçamentos anuais variam de US\$ 5.412 (a mais nova) a US\$ 2,5 milhões (uma das mais antigas). Enquanto duas delas têm orçamentos anuais de mais de US\$ 2 milhões, e outras duas estão na faixa de US\$ 500.000 a 1.000.000, o tamanho médio do orçamento para todo o grupo é muito menor (fica em US\$ 240.000). Todas as organizações do grupo consideram-se significativamente sem recursos para atender às demandas. Embora todos eles recebam algum tipo de apoio externo, os recursos mobilizados para sua própria manutenção como “organizações de filantropia comunitária” são limitados. Ainda, várias instituições observaram que os financiadores externos e as OINGs estão frequentemente mais interessados em estabelecer um relacionamento de caráter instrumental, usando-as como intermediários que contribuem para implementar projetos e programas específicos.

Alguns achados essenciais da pesquisa: ativos, capacidades e confiança

Entendemos a filantropia comunitária como uma prática de desenvolvimento orientada por valores, que cria ativos (recursos e talentos), capacidades e confiança. O foco nesses três fatores ajuda a pensar, fundamentar e unir diferentes aspectos da prática da filantropia comunitária e trazer à tona alguns de seus elementos menos visíveis, como o fortalecimento de sistemas e relacionamentos locais, a mobilização de ativos locais e a construção de confiança.¹³¹³

Nas próximas três seções, analisamos cada um desses fatores.

¹³ A GFCF desenvolveu o *Assets, Capacities and Trust (ACT) Framework* (modelo de ativos – recursos e talentos –, capacidades e confiança) em 2010 por meio de dados coletados de 50 organizações (ver Hodgson e Knight, 2010). Essas instituições classificaram suas prioridades em relação a um conjunto de indicadores de capital social de união (*bonding*), ponte (*bridging*) e ligação (*linking*). Para mais informações, consulte <https://globalfundcommunityfoundations.org/g/gfcf/resources/more-than-the-poor-cousin-the-emergence-of-community-foundat.html/>.

Ativos

Sempre perguntamos: “O que você pode trazer? O que você tem que pode dar?” E achamos que, na nossa comunidade, sempre há uma vontade de dar (*Community Development Foundation for Western Cape*, entrevista, 14 de março de 2019).

Todas as organizações participantes da pesquisa buscam promover novas culturas de doação, além de desenvolver aquelas já existentes, adotando uma diversidade de estratégias na mobilização e organização de recursos locais. Entre essas estratégias estão a criação de estruturas desconcentradas, como fundos comunitários que mobilizam e agrupam recursos oriundos em suas bases comunitárias para serem investidos a partir de uma fundação nacional (KCDF); doações de visitantes/turistas – um programa desenvolvido pelo *Monteverde Community Fund*, onde as pessoas que visitam a comunidade são convidadas a contribuir para um fundo de longo prazo que visa preservar seu equilíbrio entre as dimensões humana e ambiental; círculos de doação (*Garant, Roots and Wings Foundation, Community Development Foundation for Western Cape*); e serviços de consultoria para empresas locais (*Solidarity Foundation*).

As 16 instituições enfatizam o aproveitamento e a construção de ativos em nível local. ‘Ativos’ incluem recursos não financeiros como voluntariado e doação de bens e produtos, mas há um foco específico em mobilizar, reunir e organizar dinheiro local. A maioria adota a palavra “filantropia” (ou sua tradução equivalente) de acordo com seu significado original como “amor à humanidade”, ao invés de um significado que remeta a uma prática de pessoas muito ricas. Esse enquadramento geralmente tem uma dimensão política ou democrática: a filantropia é algo aberto ao engajamento de todo e qualquer indivíduo. É uma prática pela qual a pessoa exercita sua força social e supera a mentalidade de dependência ou a condição de ‘beneficiária’. Incentivar as contribuições da comunidade é uma estratégia de longo prazo. É uma prática que oferece linguagem e expressão a sistemas existentes (embora ocultos), e a novas formas de doação como um ato de empatia, protesto ou dissidência. Conseguir que as pessoas doem coletivamente também pode ajudar a criar capital social de união (*bonding*) (a ‘cola’ entre as pessoas).

Além de incentivar as doações em nível comunitário, muitos do grupo também se comprometeram a envolver outros tipos de atores filantrópicos locais em suas atividades, reafirmando que a classe média, indivíduos com alto patrimônio líquido e as empresas são mais do que simplesmente financiadores, parceiros, fontes ou objetos de influência. Esses atores são, em primeiro lugar, importantes membros da comunidade. Embora esses tipos de relacionamento possam exigir um equilíbrio cuidadoso de interesses diversos e dinâmicas de poder, eles também podem ter um papel importante na construção de um capital social de ponte (*bridging*) (ou seja, constroem relacionamentos entre grupos que normalmente não se identificam como “nós”). Nas palavras de um dos profissionais participantes da pesquisa, “Queremos garantir que nosso compromisso com as questões de justiça social e direitos humanos não seja diluído nos esforços de aproximação com novos públicos” (comentário feito através de formulário de solicitação de doação, em junho de 2019).

Duas organizações para as quais as contribuições individuais são fundamentais como estratégia de mobilização de recursos são a *Community Foundation for the Western Region of Zimbabwe* (CFWRC) e a *FemFund*, Polônia. No caso do Zimbábue, o CFWRC usa a prática tradicional de *Ndebele de Qogelela*, que se refere à 'coleta para o uso futuro' (Moyo, 2019), como estrutura para inspirar e incentivar as contribuições da comunidade para a criação de uma reserva comunitária, que pode ser utilizada para seu próprio desenvolvimento. Isso requer trabalho intensivo da equipe da fundação para construir confiança com a comunidade.

Na Polônia, o *FemFund* começou seus esforços de mobilização de recursos locais voltando-se para sua base principal de cerca de 60 amigos e aliados. Como um fundo de mulheres estabelecido durante um período de retrocessos do governo em relação aos direitos reprodutivos das mulheres, as fundadoras do *FemFund* sempre entenderam a importância de construir uma base de apoio de longo prazo para seu trabalho, e isso significava alcançar partes da comunidade que talvez não se identificavam imediatamente como ativistas da justiça social, mas que, com a pergunta certa, poderiam vir a apoiar sua causa. Uma pesquisa com dois grupos demográficos diferentes – mulheres mais jovens que trabalham na indústria criativa e mulheres com mais de 40 anos – mostrou que as últimas, principalmente mulheres com filhas, eram mais propensas a se interessar pelo trabalho do *FemFund*. Com essa informação, a fundação começou uma campanha para arrecadar novos recursos financeiros e, mais importante, para estender a base geral de apoio aos direitos das mulheres na Polônia (entrevista, 1 de julho de 2019).

Fortalecendo a capacidade comunitária

Para muitos membros do grupo pesquisado, sua ação como organização doadora e outras atividades que não envolvem doação são esforços integrados, com o objetivo de fortalecer grupos e instituições locais de forma que possam se organizar e agir nas questões que são importantes para eles. As doações, especialmente as realizadas para grupos que estão começando sua atuação ou que estão sendo beneficiadas pela primeira vez, quando acompanhadas pelos tipos certos de apoio (aconselhamento, orientação e treinamento, por exemplo), são uma maneira eficaz de transferir poder e a faculdade de tomar decisões próprias, ao mesmo tempo que se fortalecem os laços entre parceiros locais. O investimento em vários grupos locais também ajuda a evitar o acúmulo de poder de instituições que exercem certa dominância sobre o setor. Também pode ser entendido como uma estratégia deliberada para criar resiliência no sistema local; se uma organização sofre um choque (por exemplo, não recebe mais recursos ou encerra suas atividades), outras podem se mover para preencher as lacunas.

Além de fazer doações, as organizações de filantropia comunitária promovem encontros entre os parceiros (que podem ser realizados usando como justificativa algo simples, como uma oficina sobre como fazer relatórios das doações recebidas). Esse tipo de atividade é uma estratégia importante para criar capital social de ponte (*bridging*) entre os diferentes parceiros locais que podem não se conhecer ou não ter relações de confiança, ou que trabalham em diferentes tipos de

questões comunitárias. Encontros e oficinas desse tipo podem, de fato, ter um valor em si mesmas em termos de conteúdo, mas frequentemente seu principal valor está na construção de relacionamentos e conexões horizontais entre diferentes partes da comunidade, que, por sua vez, podem levar a alianças e redes formalizadas.

As estratégias adotadas pelo grupo pesquisado para fortalecer a capacidade e a agência das comunidades variam desde o fornecimento de pequenas doações e bolsas de estudos (a indivíduos, grupos informais e formais), envolvimento dos membros da comunidade como consultores e na tomada de decisões sobre a alocação de recursos (por meio de processos de doação participativos, como no caso da *FemFund* e da *Dalia Association*) e oficinas e encontros para debate de diversas questões. Ao descrever seu trabalho, várias organizações mencionam suas ações de doação como “apenas um ponto de contato para ter acesso ao relacionamento com as pessoas”, particularmente aquelas à margem da sociedade e que podem não se ver como tendo capacidade de agência (*Dalia Association*, em entrevista no dia 6 de dezembro de 2018). Uma doação ou bolsa de estudos pode dar uma sensação de profunda validação pessoal, de reconhecimento e até esperança. Nas palavras de um membro da *Solidarity Foundation*, na Índia, receber uma bolsa de estudos é uma confirmação do seu valor como humano e de sua potencial contribuição para a sociedade: “Alguém confia em você e você passa a considerar que tem um papel a cumprir” (*Solidarity Foundation*, em entrevista realizada em dezembro de 2018).

A *Keystone Foundation*, também na Índia, apoia e trabalha desde 1993 com comunidades tradicionais diversas e remotas, dentro de uma reserva da biosfera em Tamil Nadu. Sua recente guinada em direção a abordagem da filantropia comunitária faz parte de um processo maior de reflexão, repensando seu papel de longo prazo dentro de um ecossistema de atores e de apoio mais horizontal, no qual a fundação desempenha um papel menos central e preponderante. Para a fundação, as principais perguntas foram: Quais são os elementos de nosso trabalho que devemos manter? O que mais as pessoas podem começar a fazer agora por si mesmas? (*Keystone Foundation*, em entrevista realizada no dia 12 de março de 2019). Parte desse processo envolveu iniciar conversas com seus parceiros locais para considerar como os ativos desses grupos (incluindo como ativos sua música e cultura) podem ser traduzidos em uma base de recursos sustentável ao longo do tempo, como um tipo de fundo comunitário. Em um caso como esse, o fortalecimento da capacidade é menos o de transmitir habilidades específicas e mais a introdução de novas maneiras de pensar e efetivamente mudar a mentalidade.

Construção de confiança

A análise da base de dados usada nesse estudo e uma observação de todos os outros dados que o GFCF tem coletado ao solicitar informações de instituições que receberam doações do fundo, mostram que a ‘construção de confiança’ é o indicador consistentemente classificado como a mais importante preocupação da filantropia comunitária. É valorizado como um resultado em si mesmo e como algo que, quando presente, também melhora outros resultados.

A capacidade das organizações de filantropia comunitária de servir como efetivas estruturas mediadoras depende muito da extensão em que a comunidade e outras partes interessadas confiam nelas. Isso vai além da noção de 'parceria', um termo que é frequentemente usado no desenvolvimento internacional para indicar um nível de respeito entre os diferentes atores, mas que também pode mascarar significantes diferenças de poder. Na filantropia comunitária, a construção da confiança é sustentada por duas práticas principais, a mobilização local de recursos e a realização de doações e, principalmente, o uso combinado dessas duas práticas.

Embora as instituições sem fins lucrativos que atuam com financiamento externo possam gozar de respeito no nível local em virtude do trabalho que realizam, o sistema de financiamento que as apoia pode parecer ofensivo e obscuro para quem observa de fora, além de contribuir pouco para promover a confiança da comunidade. Grandes quantias de dinheiro surgem aparentemente do nada para resolver um problema escolhido longe da comunidade. Mesmo os esforços mais bem-intencionados de promover o empoderamento da comunidade podem ser desafiadores quando as comunidades ficam alheias aos recursos, e as decisões são tomadas por atores externos. Ao introduzir na equação a coleta de doações na comunidade, a filantropia comunitária deliberadamente busca construir confiança nos sistemas locais, ao mesmo tempo que atua para desmistificar o desenvolvimento, considerando-o como algo que pode ser obtido no nível local.

Fazer doações se torna também uma parte importante da estratégia para construir confiança, demonstrando como pequenas quantias de dinheiro, em conjunto, podem diretamente contribuir para facilitar iniciativas lideradas pelas pessoas da comunidade e realizadas ali, nas portas de suas casas. Dessa forma, o 'desenvolvimento' não é mais uma construção abstrata, mas uma realidade visível. Ao insistir no vínculo entre insumos (dinheiro), tomada de decisão (pelo menos transparente, na melhor das hipóteses, participativa) e resultados (atividades lideradas pela comunidade e financiadas por ela), a filantropia comunitária cria círculos virtuosos que testemunham o valor agregado, a confiança e os relacionamentos sendo construídos em cada etapa do processo.

As múltiplas e diferentes interações e transações relacionadas tanto a atividade de mobilização de recursos locais, quanto a de realizar doações na comunidade são ações que exigem muito trabalho. Para garantir que essas atividades de fato contribuam para algo mais do que a soma das partes nelas envolvidas, a confiança na organização mediadora é essencial, considerando também que os riscos relacionados à reputação dos envolvidos são bastante altos. Os doadores locais podem exigir um alto nível de prestação de contas e transparência, e ficar impacientes para ver os resultados, ao mesmo tempo que doações para grupos de base comunitária que estão apenas começando seu trabalho também apresentam certos riscos.

No grupo pesquisado, muitas organizações dão uma atenção especial a como estabelecem suas relações e constroem confiança entre as diferentes partes interessadas (particularmente entre os atores que gozam de diferentes níveis de

poder). As instituições também exploram quais as medidas que podem ser adotadas para monitorar essas relações. Elas são inevitavelmente as mais variadas, dependendo se na comunidade existe ou não confiança. Alguns exemplos de métrica são o número e diversidade de doadores e voluntários locais (e quantas dessas relações são mantidas ao longo do tempo); alcance e diversidade de parcerias com organizações comunitárias (amplitude e profundidade dos vínculos dentro de uma comunidade); número de parceiros que começam a mobilizar recursos por conta própria (redução da dependência das instituições em relação a organização de filantropia comunitária); aumento de colaborações entre diferentes parceiros e tipos de parceiros (capital social de ponte); número de pessoas que participam de eventos públicos (relevância percebida da organização); convites da mídia/governo para fornecer conhecimento (conhecimento e experiência percebidos como uma de suas fortalezas); e até que ponto a comunidade se volta para a organização de filantropia comunitária em momentos de crise (reconhecimento da instituição como um recurso da comunidade).

Como observado pela liderança da *Community Development Foundation for Western Cape* (África do Sul), 'sem confiança eu não teria conseguido conversar na comunidade' (entrevista realizada em 14 de março de 2019). A fundação mantém fortes relacionamentos e origens na comunidade que serve. Mais do que apenas uma fonte de financiamento, ela se vê em primeiro lugar como um 'ouvinte ativo' ('Perguntamos, o que você quer fazer?', *Ibid.*), e observa a 'sanção de seu público-alvo' (ou seja, se os membros da comunidade aprovam ou desejam participar de suas atividades) como um indicador central de confiança. Da mesma forma, ciente do potencial das organizações intermediárias de mobilizar recursos a serem destinados às bases (ou de serem reconhecidas por esse potencial), a *Solidarity Foundation* incentiva uma transparência radical em suas operações usando uma 'auditoria por pares'. Nesse processo, as partes interessadas da comunidade são convidadas a examinar seus orçamentos, arquivos e sistemas e ver que, nas palavras de um membro da equipe, 'nossa contabilidade está aberta' (entrevista realizada em 4 de dezembro de 2018).

Conclusão

Problemas de grande escala não precisam de soluções em grande escala; eles exigem soluções de pequena escala, dentro de uma estrutura de grande escala (David Fleming 2007, p. 39).

A filantropia comunitária pode ainda não estar bem estabelecida nos discursos de desenvolvimento; no entanto, acreditamos que merece ser mais amplamente considerada por pesquisadores e profissionais de desenvolvimento genuinamente interessados em avançar para um sistema mais equitativo e com raízes locais, em direção a um desenvolvimento liderado por pessoas. Esperamos ter demonstrado que a filantropia comunitária não está apenas emergindo como uma estrutura de suporte útil no contexto do desenvolvimento tradicional; pelo contrário, está estruturalmente equipado para promover a disrupção e para democratizar esse sistema. A abordagem tem potencial para fazer isso, concentrando-se em práticas e estruturas que enfatizam as pessoas e seus ativos (recursos e talentos).

Embora a falta de reconhecimento da filantropia comunitária em círculos mais amplos tenha significado poucas oportunidades de investir em seu desenvolvimento de maneira substancial, houve algumas vantagens em seu surgimento silencioso, longe do barulho frenético do setor de desenvolvimento tradicional e suas prioridades inconstantes. O financiamento limitado que foi investido no campo incluiu doações para o desenvolvimento institucional das organizações e, o que é mais importante, também criou espaços para o aprendizado e o intercâmbio entre pares, com base em práticas desenvolvidas e adaptadas em experimentação no próprio campo, ao invés de em projetos liderados externamente.

Como observado por uma das instituições pesquisadas, “nosso desafio é crescer gradualmente, sem nos tornarmos uma esponja que absorve os recursos e apoios que queremos que cheguem aos grupos de base comunitária” (citação obtida por meio de formulário de solicitação de doação enviado ao GFCF, em setembro de 2018). Embora possa atuar por meio de projetos e metas de curto prazo (e isso geralmente faz sentido, do ponto de vista tático), a filantropia comunitária é uma proposição de longo prazo que entende que o processo de mudança social é lento e não linear. Como observa uma profissional atuando no Quênia:

Muito da mudança ocorre depois que o programa termina. A menos que você acompanhe deliberadamente essas organizações e comunidades, nunca saberemos toda a extensão da semente que plantamos. Nós [organizações] relatamos coisas presentes [aos financiadores], mas perdemos grande parte da história que acontece depois que partimos. (Entrevista, KCDF, em 26 de junho de 2019)

Como as organizações descritas neste artigo demonstraram, a filantropia comunitária tem muitas maneiras de operar, tanto em suas ferramentas específicas quanto no contexto local. No entanto, é uma abordagem que atua principalmente como um facilitador, não como produtor, desempenhando um papel de ponte que produz energia entre diferentes partes do sistema em que opera, em vez de produzir, por si só, resultados específicos. Em suma, é uma abordagem que desempenha um papel facilitador, criando espaços dentro dos quais outros atores podem agir.

Ao contrário de muitos de seus parentes distantes no Norte global, a filantropia comunitária no Sul começou do zero, moldada por ativistas da sociedade civil e líderes comunitários preocupados com questões de equidade, inclusão e coesão social. Ela deliberadamente ‘tece a partir das bordas’ (como colocado por um participante de uma oficina realizada no México, em julho de 2019), liberando poder nas margens, onde existem oportunidades e energias latentes, e trazendo-as para o centro. Olhando superficialmente, a filantropia comunitária pode parecer simples – até simplista – em comparação com o paradigma de desenvolvimento mais tradicional (que conta com intervenções planejadas lineares, com prazo determinado, escalonáveis e que precisam ser passíveis de replicação em variados contextos). Mas a mudança aqui é navegada e negociada através de múltiplas ações, interações e relacionamentos não lineares, semeando e nutrindo, ao invés do controle e da criação de novas normas e comportamentos que, cumulativamente, podem mudar a dinâmica do sistema mais amplo. Na filantropia comunitária,

observou uma profissional entrevistada: “pode parecer que estamos apoiando projetos, mas estamos apoiando processos de mudança” (KCDF, entrevista realizada em 26 de junho de 2019).

Sobre a autora

Jenny Hodgson é Diretora Executiva do *Global Fund for Community Foundations* (Fundo Global para Fundações Comunitárias). Endereço: 4th Floor, 158 Jan Smuts Ave, Rosebank, Johannesburg, 2196, África do Sul. Email: jenny@globalfundcf.org

Referências

- Al-Karib, Hala** (2018) ‘The dangers of NGO-isation of women’s rights in Africa’, Al Jazeera, <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/dangers-ngo-isation-women-rights-africa-181212102656547.html> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Anderson, M., D. Brown and I. Jean** (2012) *Time to Listen: Hearing people on the Receiving End of Aid*, Cambridge, MA: CDA
- Batliwala, Srilatha** (2012) *Changing Their World: Concepts and Practices of Women’s Movements (Second Edition)* Association for Women’s Rights in Development, <https://www.awid.org/publications/changing-their-world-concepts-and-practices-womens-movements> (Último acesso em dezembro de 2019)
- Baron, Stephen, John Field and Tom Schuller (eds.)** (2000) *Social Capital: Critical Perspectives*, Oxford: Oxford University Press
- Chambers, Robert** (1983) *Rural Development: Putting the Last First*, Harlow: Prentice Hall
- Doan, Dana** (2019) ‘What is community philanthropy?’, Global Fund for Community Foundations, <https://globalfundcommunityfoundations.org/wp-content/uploads/2019/08/WhatIsCommunityPhilanthropy.pdf> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Doane, Deborah** (2019) ‘Are INGOs ready to give up power?’, Open Democracy, <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/are-ingos-ready-give-power/> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Edwards, Michael** (2016) ‘What’s to be done with Oxfam’, Open Democracy, <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/what-s-to-be-done-with-oxfam/> (Último acesso em 20 de agosto de 2019)
- Fleming, David** (2007) *Energy and the Common Purpose*, 3rd edition, The Lean Economy Connection, <https://www.flemingpolicycentre.org.uk/EnergyAndTheCommonPurpose.pdf> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Freire, Paulo** (1972) *Pedagogy of the Oppressed*, New York: Herder and Herder
- Gilbert, Hilary** (2018) *Time to #ShiftThePower? Community philanthropy and durable development*, Global Fund for Community Foundations, https://globalfundcommunityfoundations.org/wp-content/uploads/2019/04/TimeTo_ShiftThePower_Long.pdf (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)
- Gittel, Ross J. and Avis Vidal** (1998) *Community Organizing: Building Social Capital as a Development Strategy*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications

- Glennie, Jonathan** (2019) At what cost? A reflection on the crisis at Save the Children, Open Democracy, <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/at-what-cost-reflection-on-crisis-at-save-children-uk/> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Hodgson, Jenny and Barry Knight** (2010) More than the Poor Cousin? The emergence of community foundations as a new paradigm, Global Fund for Community Foundations, <https://www.issueab.org/resource/more-than-the-poor-cousin-the-emergence-of-community-foundations-as-a-new-development-paradigm.html> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Hodgson, Jenny and Barry Knight** (2016) #ShiftThePower: the rise of community philanthropy, Alliance, <https://www.alliancemagazine.org/feature/shiftthepower-rise-community-philanthropy/> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Hodgson, Jenny and Anna Pond** (2018) 'How community philanthropy shifts power: what donors can do to help make that happen', Grantcraft, <https://grantcraft.org/content/guides/how-community-philanthropy-shifts-power/> (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)
- Kroll, John** (2017) 'Frederick Goff's legacy lives on within the Cleveland Foundation', Cleveland.Com, https://www.cleveland.com/business/2017/11/frederick_goffs_legacy_lives_o.html (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)
- Moyo, Matamsanqa** (2019) The Case for Community Philanthropy: an assessment of the effectiveness of involving communities as donors and beneficiaries in bringing about lasting change and people-centred development in Bulilima and Mangwe districts of Matabeleland South Province, Zimbabwe (draft report)
- Mutuku, Sally and Edwell Kaseke** (2014) 'The role of stokvels in improving people's lives: the case in Orange Farm, Johannesburg, South Africa', https://www.researchgate.net/publication/286692849_The_role_of_stokvels_in_improving_people's_lives_The_case_in_orange_farm_Johannesburg_South_Africa (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)
- Putnam, R.D.** (1995) 'Bowling alone: America's declining social capital', *Journal of Democracy* 6: 65–78
- Quinn D.** (1999) *Beyond Civilization: Humanity's Next Great Adventure*, New York: Three Rivers Press
- Roy, Arundhati (2003) *Confronting Empire*, World Social Forum, 27 de janeiro de 2003, Porto Alegre, Brasil <https://ratical.org/ratville/CAH/AR012703.pdf> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Roy, Arundhati** (2004) 'Help that Hinders', *Le Monde Diplomatique*, <https://mondediplo.com/2004/11/16roy> (Último acesso em 31 de dezembro de 2019)
- Serafin, Rafal and Ros Tennyson** (2019) *Donors working together: the story of the Global Alliance for Community Philanthropy*, Johannesburg: Global Alliance for Community Philanthropy
- Sriskandarajah, Danny** (2015) 'Five reasons donors give for not funding local NGOs directly', *The Guardian*, 9 November, <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/nov/09/five-reasons-donors-give-for-not-funding-local-ngos-directly> (Último acesso em 16 de dezembro de 2019)
- Szreter, Simon and Michael Woolcock** (2004) 'Health by association? Social capital, social theory, and the political economy of public health', *International Journal of*

Epidemiology 33(4): 650–67,
<https://academic.oup.com/ije/article/33/4/650/665431> (Último acesso em dezembro de 2019)

Steets, Julia and András Derzsi-Horváth (2016) 'We need less paperwork and more aid in humanitarian work', *The Guardian*, 25 May,
<https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/may/25/less-paperwork-bureaucracy-more-aid-in-humanitarian-work> (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)

Wilkinson-Maposa, Susan and Alan Fowler (2005) *The Poor Philanthropist: How and Why the Poor Help Each Other*, Cape Town: Compress

Zambian Governance Foundation for Civil Society (2018) *Beyond giving: study of local philanthropy in Zambia*, <http://www.zgf.org.zm/wp-content/uploads/2018/03/BEYOND-GIVING-STUDY-OF-LOCAL-PHILANTHROPY-IN-ZAMBIA.pdf> (Último acesso em 17 de dezembro de 2019)